

MINHA ESCUTA DE APARECIDA

SEIS PALAVRAS SOBRE A V CONFERÊNCIA

João Justino de Medeiros Silva

SILVA, João Justino de Medeiros. Minha escuta de Aparecida: seis palavras sobre a Vª Conferência. **Rhema**, Belo Horizonte, v. 13, ns. 42/43/44 (Edição Unificada 2007), p. 205-211. 2007.

No contexto da XX Semana de Teologia do CES/ITASA, em parceria com o CEHILA-BR, coube nossa participação na mesa-redonda sobre a Vª Conferência do Episcopado Latino-americano e Caribenho celebrada em maio de 2007 em Aparecida, São Paulo. Como a Vª Conferência estivesse ainda muito recente e o Documento Final publicado nos últimos dias antes da Semana de Teologia, surgiam as primeiras leituras e análises. Também nós quisemos participar do debate e fomos, numa primeira escuta de Aparecida, apurar aquelas afirmações que mais chamaram nossa atenção.

Por que falar a partir de seis palavras? Dada a dinâmica da mesa com historiadores e peritos de renome, optamos por oferecer nossa pequena contribuição de modo bastante sintético e breve.

Tendo lido o Documento Final e algumas primeiras leituras (Agenor Brighenti, José Comblin, Oscar Beozzo) escolhi as seis palavras considerando o público participante da XX Semana de Teologia: estudantes de teologia, seminaristas e leigos, historiadores, agentes de pastoral, padres. O que chamo de palavras não são simplesmente substantivos ou adjetivos, mas afirmações de importância.

1. Os rostos de Aparecida são em número maior que os de Puebla.

Nestes dias da XX Semana de Teologia, em algumas intervenções tocou-se na temática dos pobres. Qual a relevância de uma Semana/Simpósio como este para os pobres? É ainda pertinente considerar os pobres como sujeitos históricos na construção de uma sociedade nova? Sementrar naquilo que pode ser considerado um patrimônio da Igreja da América Latina - a opção preferencial pelos pobres - a primeira palavra que escuto de Aparecida tem os ecos de Puebla. Antes de reafirmar a opção pelos pobres, Aparecida mostra os rostos dos pobres como o fez Puebla. Em 1979 falava-se de “feições concretíssimas, nas quais deveríamos reconhecer as feições sofredores de Cristo, o Senhor que nos questiona e interpela: feições de crianças golpeadas pela pobreza, abandonadas... feições de jovens, desorientados por não encontrarem seu lugar na sociedade... feições de indígenas e de afro-americanos segregados em situações desumanas, que podem ser considerados os mais pobres dentre os pobres... feições de camponeses relegados e sem terra... feições de operários, com frequência mal remunerados... feições de subempregados e desempregados... feições de marginalizados e amontoados das nossas cidades... feições de anciãos frequentemente postos à margem...” (Puebla 31-39). Aparecida, por sua vez, distingue: as comunidades indígenas e afroamericanas; muitas mulheres excluídas em razão de seu sexo, raça ou situação sócio-econômica; jovens que receberam uma educação de baixa qualidade e não têm oportunidade de progredir em seus estudos e nem de entrar no mercado de trabalho; desempregados, migrantes, deslocados, agricultores sem terra, aqueles que procuram sobreviver na economia informal; meninos e meninas submetidos à prostituição infantil, ligada muitas vezes ao turismo sexual; também as crianças vítimas do aborto; milhões de pessoas e famílias vivendo na miséria e passando fome; dependentes de drogas,

pessoas com limitações físicas, os portadores e vítimas de enfermidades graves como a malária, a tuberculose e HIV-AIDS; os seqüestrados e os que são vítimas da violência, do terrorismo, de conflitos armados e da insegurança na cidade; os anciãos muitas vezes recusados por sua família como pessoas incômodas; os presos, em grande maioria vivendo em situações desumanas. O parágrafo 65 encerra de modo contundente denunciando a exclusão e a cultura que trata os pobres como insignificantes: “Uma globalização sem solidariedade afeta negativamente os setores mais pobres. Já não se trata simplesmente do fenômeno da exploração e opressão, mas de algo novo: a exclusão social. Com ela a pertença à sociedade na qual se vive fica afetada na raiz, pois já não está abaixo, na periferia ou sem poder, mas está fora. Os excluídos não são somente explorados, mas supérfluos e descartáveis”. O parágrafo 402 vai retomar estes rostos, chamando-os de “novos rostos pobres”. *Nossas comunidades eclesiais, nossos projetos vêem estas feições concretíssimas?*

2. Uma Igreja que confessa sua fragilidade. Aos ouvidos daqueles que não percebem a contingência da história e da Igreja enquanto peregrina na história, esta observação poderá incomodá-los. O Papa João Paulo II, a contragosto de muitos, pediu por diversas vezes perdão. Aparecida confessa as fragilidades e o estado de dúvidas que por vezes nos abate. Esta consciência humilde desperta nossa atenção. Não é um pequeno sinal de que a pretensão de onipotência está sendo solapada pela dureza da realidade? O reconhecimento de que é preciso “revitalizar nosso modo de ser católico” (13) e de que “nossa maior ameaça é o medíocre pragmatismo da vida cotidiana da Igreja, no qual, aparentemente, tudo procede com normalidade, mas na verdade a fé vai se desgastando e degenerando em mesquinhez” (12) - na verdade uma citação do Cardeal Ratzinger de uma Conferência em, 1996 no México - apontam para questões nodais. Ou tomamos consci-

ência disso e buscamos caminhos novos ou... *o contrário de revitalizar!* A oração conclusiva pareceu-me enfática quando diz: “Fica conosco, Senhor, quando ao redor de nossa fé católica surgem as névoas da dúvida, do cansaço ou das dificuldades...” (554). O reconhecimento deste estado incômodo de fragilidades e dúvidas poderá nos despertar para a urgência do discipulado missionário, eixo central de Aparecida. *Damo-nos conta deste estado de fragilidade e de dúvidas? Não pairam sobre nós muitas questões e incertezas?*

3. **“A Igreja atrai quando vive em comunhão”** (159). O capítulo V se articula na perspectiva da eclesiologia de comunhão. Oxalá esta frase tenha significativos desdobramentos. São indicados quatro lugares eclesiais para a comunhão: Diocese (164-169); Paróquia (170-177); CEBs e Pequenas Comunidades (178-180); As Conferências Episcopais e a Comunhão entre as Igrejas (181-183). Sem dúvida são lugares para viver a comunhão. Mas a verdadeira comunhão que atrai - acreditamos nós - é a comunhão com Deus e com os pobres. E é ela que há de configurar as expressões de comunhão nos lugares “canônicos” (diocese, paróquia e conferência episcopal) e nas CEBs e pequenas comunidades. Esta comunhão com Deus está na raiz do discipulado. *Nossas Igrejas valorizam os espaços de comunhão? A participação não é um passo co-natural à comunhão?* O parágrafo 371 afirma que “os leigos devem participar do discernimento, da tomada de decisões, do planejamento e da execução”. *Isto tem acontecido? Como concretizar as expressões de comunhão eclesial?*

4. **“O ministério sacerdotal que brota da ordem sagrada tem uma radical forma comunitária e só pode ser desenvolvido como uma tarefa coletiva”** (195). Quanto aos presbíteros, destaque-se em primeiro lugar as sessões em que diretamente se fala deles: são dois subitens do Capítulo 5: *A Comunhão dos Discípulos Missionários na Igreja*

na sua terceira parte ao tratar dos *Discípulos Missionários com Vocações Específicas*. Fala-se na seguinte ordem: os bispos, os presbíteros, os diáconos, os fiéis leigos e leigas, os consagrados e consagradas (considerando assim a ordem da *Lumen Gentium*). Todos são tratados como discípulos missionários: Os bispos como discípulos missionários de Jesus Sumo Sacerdote, os presbíteros como discípulos missionários de Jesus Bom Pastor, os diáconos permanentes discípulos missionários de Jesus Servo; os fiéis leigos e leigas discípulos missionários de Jesus Luz do Mundo e os consagrados e consagradas como discípulos missionários de Jesus, testemunha do Pai. Valoriza-se, assim, a diversidade dos carismas e das vocações.

Dez parágrafos são dedicados ao tema da identidade do presbítero (191 a 200) e outros quatro aos párocos (201 a 204). Tocou nossos ouvidos esta insistência no traço comunitário e coletivo da identidade do presbítero. A inspiração mais direta encontra-se na *Pastores Dabo Vobis* de João Paulo II, mas sem dúvida também no horizonte de uma Igreja marcada pela riqueza das comunidades. Não se trata de uma frase solta ou isolada, mas articulada com o projeto de uma Igreja discípula missionária. Os presbíteros - e também aqueles que caminham para o presbiterato - precisam abraçar com vigor a dimensão comunitária. No contexto do individualismo não há como abraçar esta dimensão sem ascese. Se a Igreja atrai quando vive a comunhão, urge que o ministério ordenado seja exemplar nesta dimensão. *Neste aspecto não precisamos de verdadeira revolução de nossa mentalidade? E a formação presbiteral, que mudanças precisa enfrentar?*

5. Chamamos atenção ainda para os parágrafos que assumem um pouco das nossas discussões sobre a realidade de nossas paróquias e dioceses: **a conversão pastoral e renovação missionária das comunidades** (365-372). Pareceu-nos curiosa esta expressão “conversão

pastoral". Ela diz no mínimo que a pastoral precisa mudar de direção. O agir da Igreja precisa urgentemente retomar o ardor missionário. "A conversão pastoral de nossas comunidades exige que se vá além de uma pastoral de mera conservação para uma pastoral decididamente missionária" (370). Para isto é preciso "abandonar as ultrapassadas estruturas que já não favorecem a transmissão da fé" (365) e "uma renovação eclesial que envolve reformas espirituais, pastorais e também institucionais" (367). Todos os que atuamos em comunidades paroquiais conhecemos os "gargalos" da nossa pastoral. *Como ouvimos este apelo de Aparecida à conversão e renovação? Quais são as estruturas ultrapassadas? Quem de nós vai começar? Vamos começar juntos? Que espaços de discussão e de elaboração de projetos precisam ser aproveitados para evitar o improviso ou amadorismo pastoral?*

6. **"Em nossas obras, nosso povo sabe que compreendemos sua dor."** Esta é uma palavra de São Alberto Hurtado, padre jesuíta chileno recém canonizado. Está citada no oitavo capítulo de Aparecida, parágrafo 386. O oitavo capítulo nós o descobrimos como uma preciosidade. Muito denso e com acentuações tipicamente latino-americanas tem como título *O Reino de Deus e a Promoção da Dignidade Humana*. Recupera-se aqui o tema do Reino e da necessária articulação com a práxis libertadora. Articulam-se os temas do Reino de Deus - justiça social - caridade cristã. É nesse oitavo capítulo que Aparecida afirma "ser a opção preferencial pelos pobres uma das peculiaridades que marca a fisionomia da Igreja latino-americana e caribenha" (391). "Tudo o que tenha relação com Cristo, tem relação com os pobres e tudo o que está relacionado com os pobres reivindica Jesus Cristo" (393). Citando o discurso inaugural de Bento XVI e textos de João Paulo II, o parágrafo 395 pontua: "A Igreja está convocada a ser advogada da justiça e defensora dos pobres diante das intoleráveis desigualdades sociais e econômicas que clamam ao

céu". Pede-se uma renovada pastoral social. Uma leitura mais atenta vai encontrar, ao longo de alguns capítulos, reiteradamente o tema dos pobres e o apelo em prol de ações concretas que denotem um agir coerente com a dita opção. *Não é hora de uma revisão profunda de nossos projetos pastorais? Não nos deixamos contaminar pelo vírus do consumismo, como dizia Dom Luciano Mendes de Almeida, e nos afastamos dos pobres? Como anda nossa pastoral social?*

CONCLUSÃO:

Tenho esperanças. Espero que nossas Igrejas Locais acolham Aparecida com disposição de mudanças. Às vezes, o fato de que há muitos documentos causa-nos certo desânimo. Mas Aparecida é um texto que está na tradição das Conferências da Igreja Latino-americana. Ainda que o contexto atual não seja nem de Medellín nem de Puebla, talvez mais de Santo Domingo, nós temos chance de cutucar as instâncias que deveriam converter-se pastoralmente. Aliás, muitos de nós que aqui estamos, participamos de modos diferentes destas instâncias.

Por último, muito em Aparecida foi melhor que esperávamos. Eu creio que o Espírito sopra onde quer. A obstinação à ação do Espírito pode dificultar, mas não impedir a ação do *pneuma divino*. O Reino de Deus já está entre nós. "O Reino de Deus é como um homem que lançou a semente na terra: ele dorme e acorda, de noite e de dia, mas a semente germina e cresce, sem que ele saiba como" (Mc 4,26-27).